

REUNIÃO ANUAL DAS ASSEMBLEIAS DE GOVERNADORES

CIDADE DO PANAMÁ, PANAMÁ

AB-2922
CII/AB-1342
16 março 2013
Original: espanhol

Declaração do Governador Suplente Interino pela Espanha

Alberto Soler Vera

1. Agradeço às autoridades panamenhas e, em especial, ao Ministro De Lima, a calorosa acolhida que nos dispensou e os felicito pela magnífica organização desta Assembleia, na qual gostaria de destacar o novo formato que me parece bem acertado, por dedicar mais tempo a um diálogo franco e aberto entre os Governadores sobre os principais temas considerados atualmente pelo Banco. Agradeço também à Cidade do Panamá e às suas autoridades a hospitalidade.
2. Creio que podemos dizer que, apesar de ter sido registrado, em média, um crescimento de 3,2%, bem abaixo do ano anterior, o ano passado foi um bom ano para a região. No contexto econômico internacional atual, esta é, sem dúvida, uma boa taxa de crescimento.
3. Para a economia espanhola, o ano que transcorreu desde Montevideú, foi bem mais difícil, por estar envolvida em uma séria redução de gastos, necessária para avançar no processo de consolidação fiscal. Apesar disso, mesmo em meio a essas difíceis circunstâncias, a Espanha continua apostando no apoio à América Latina e, ao fazer isso, direcionar uma parte substancial desse esforço por intermédio do Banco. Continuamos sendo um parceiro muito importante em cooperação técnica e transferência de conhecimento por intermédio do Fundo Espanhol de Cooperação para Água e Saneamento na América Latina e no Caribe e com o Fundo Espanha-CII para o Desenvolvimento das PME no Haiti.
4. Além disso, quando houve oportunidade, como foi o caso das ações disponíveis na Corporação Interamericana de Investimentos e das ações adicionais referentes ao Nono Aumento de Capital, a Espanha apostou decididamente em aumentar sua participação acionária na instituição.
5. As perspectivas para o crescimento da Espanha neste ano parecem não ser muito melhores do que as do ano passado, embora, certamente, sejam um pouco melhores para a América Latina, que espera crescer a uma taxa estimada entre 3,5% e 4%.

6. Atualmente, podemos dizer que, na Espanha, o desafio é adaptar seu modelo de produção e, na região, o desafio, no médio prazo, é aumentar o crescimento potencial do PIB para que seja menos dependente de fatores externos e, em particular, da demanda de matérias primas. O objetivo, portanto, é incentivar o aumento generalizado da produtividade e, precisamente nessa área, como Banco de conhecimento, o Banco pode desempenhar um papel muito importante, apoiando a modernização das economias da América Latina e do Caribe e contribuindo para a convergência com os países de renda mais alta.

7. O Banco sempre se destacou por sua adaptabilidade às necessidades da região e, nessa e outras áreas, os países-membros contam com um poderoso aliado. Basta indicar, como exemplo recente, as melhorias implementadas pelo Banco em seus instrumentos desde a nossa última reunião para responder tanto à crise econômica de caráter exógeno como a desastres naturais. Como destaquei em ocasiões anteriores, na Espanha acreditamos que, apesar de não ser o componente mais importante, a política de desenvolvimento possui um aspecto anticíclico que devemos apoiar, mas sempre conscientes das implicações desse objetivo para o Banco, pois é uma satisfação observar como o Banco tira o maior proveito possível de sua capacidade de financiamento para o desenvolvimento da região por meio do uso desses novos instrumentos.

8. E isso me leva à consideração da Avaliação dos objetivos definidos por ocasião do Nono Aumento de Capital, ponto de referência principal para os debates nesta Assembleia. Da Avaliação, em geral, destacaria a agradável surpresa de que tenham sido citados apenas três temas que requerem reformulação, apesar de ser ambiciosa e, sobretudo, levando em conta que não há nenhuma outra instituição internacional que tenha realizado tantas reformas em tão pouco tempo, como indicado no próprio relatório do Escritório de Avaliação e Supervisão.

9. Deixem-me fazer uma breve referência aos três temas especialmente destacados pelo Escritório de Avaliação e Supervisão: a reforma dos instrumentos financeiros de apoio ao desenvolvimento do setor privado, o Mecanismo Independente de Consulta e Investigação e a Análise de Sustentabilidade Macroeconômica.

10. Em primeiro lugar, a reforma dos instrumentos de apoio ao setor privado. A Espanha tem consciência da importância do setor privado para o desenvolvimento da América Latina e do Caribe e do papel catalizador que devem desempenhar as instituições financeiras multilaterais. Por isso nos parece importante que o BID, que é o banco de desenvolvimento de referência da região, exerça uma posição de liderança em seu trabalho de apoio ao setor privado. Nesse sentido, oferecemos nosso total apoio à criação do Comitê *ad hoc* sugerido pela Administração. Além disso, a Espanha é a favor de que se analise profundamente todas as alternativas, sem limitações *a priori* pois, apesar de nos últimos anos terem sido implementadas melhorias nos instrumentos e na coordenação, o *status quo* se mantém e parece ser necessária uma profunda reforma. Acreditamos que esse estudo deve ser realizado sem pressa, mas também sem pausas e, sem dúvida alguma, sem limitações. Foram esses fatores que, em última instância, limitaram o alcance da reforma acordada em 2005 e que fazem com que, agora, oito anos depois, estejamos praticamente na mesma situação.

11. Em segundo lugar, o Mecanismo Independente de Consulta e Investigação. A Espanha considera fundamental que o Banco disponha de um Mecanismo de Consulta e Investigação como o que aprovamos em Cancún, sólido e independente da Administração. Um instrumento que informe sobre o impacto que as políticas operacionais podem exercer sobre terceiros e que seja acessível a eles. Vejo com preocupação os relatórios tanto do Escritório de Avaliação e Supervisão como da Auditoria, que expuseram muitas deficiências. Portanto, apoio as linhas de reforma e o Plano de Ação que tiveram início a partir das discussões na Diretoria.

12. Sobre o terceiro tema que se propõe reformular, a Análise de Sustentabilidade Macroeconômica, serei bem claro: nos parece útil, porém é necessário considerar os custos extraordinariamente elevados de sua elaboração, e esse exercício de reflexão deve contemplar o modo como essa análise de sustentabilidade macroeconômica complementa uma análise institucional. Vou dizer de um modo ainda mais direto: não podemos prescindir dela, porém devemos apoiar um plano de ação para que seja profundamente reformulada de forma a permitir sua implementação.

13. Ainda no sentido de abordar os aspectos importantes para o funcionamento do Banco no futuro, quero falar também da nova metodologia das agências de classificação para os organismos financeiros multilaterais, uma metodologia que dá mais importância à concentração da carteira e menos importância a outros fatores como o volume do capital exigível. Essa mudança é relevante porque pode afetar mais o BID do que outras instituições, uma vez que o seu caráter de banco regional dificulta uma maior diversificação da carteira e porque, sendo a conservação da classificação AAA a pedra angular da adicionalidade financeira com a qual o Banco pode contribuir para região, os novos critérios poderiam limitar a tomada de algumas decisões sobre política no futuro.

14. Antes de concluir a minha mensagem, quero dar as boas-vindas ao novo Gerente Geral da Corporação, Senhor Muñana, e desejar-lhe muito êxito no desempenho de suas atividades e, por fim, ânimo ao Presidente Moreno para continuar trabalhando com seu entusiasmo habitual, a fim de levar a bom termo o enorme desafio inerente a todas as reformas atualmente em andamento.